

O MUSEU PORTUENSE.

JORNAL DE HISTORIA, ARTES, SCIENCIAS INDUSTRIAES
E BELLAS LETRAS.

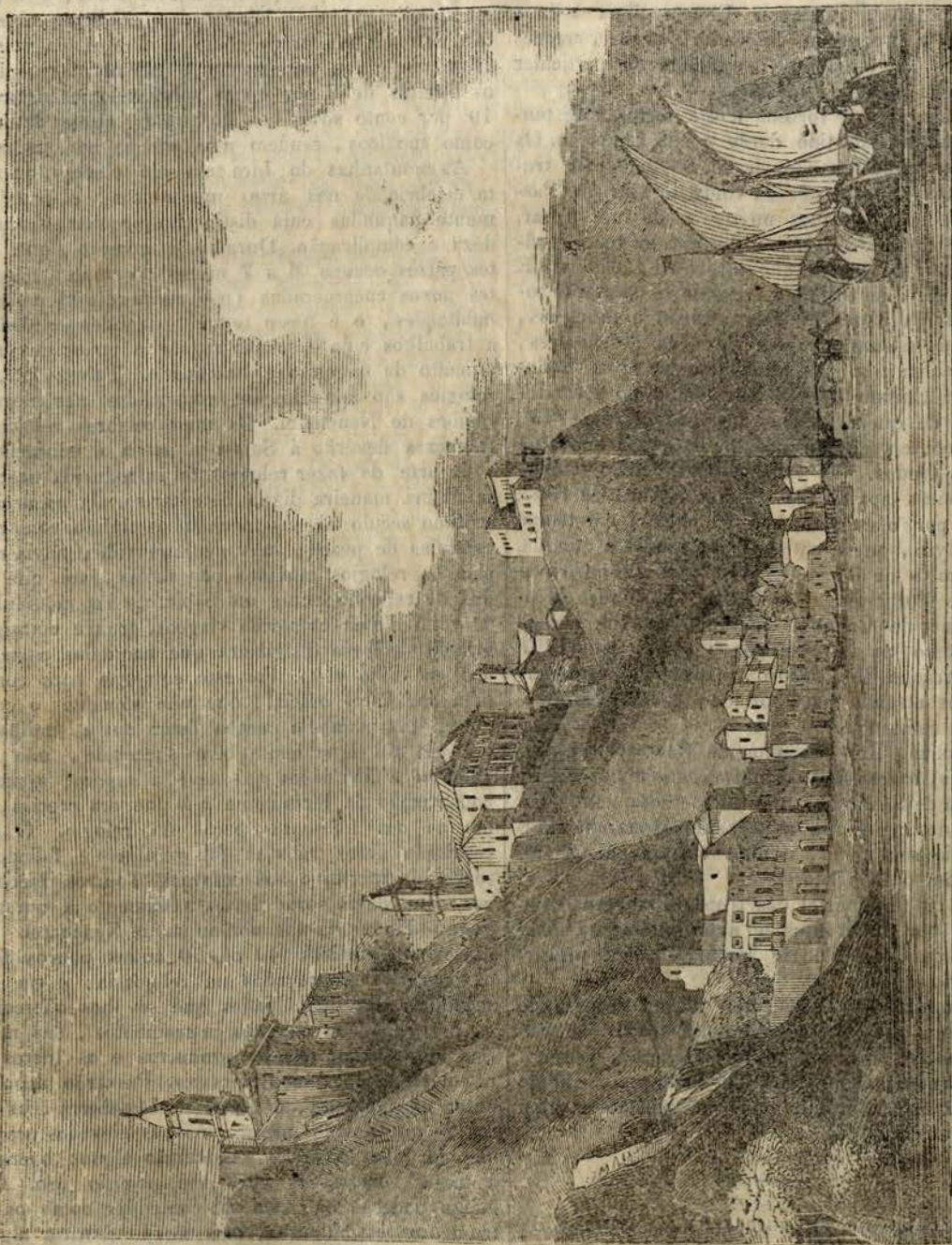
Publicado debaixo dos auspicios da Sociedade

DA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE.

N.º 4

15 DE SETEMBRO.

1838



SANTAREM VISTA DA MARGEM ESQUERDA DO TEJO.

SANTAREM.

NA distancia de quatorze leguas pelo Tejo acima se alevanta em sua margem direita a antiga Villa, de Santarem, notavel na historia Portugueza pelos acontecimentos que alli tem tido lugar desde antes do começo da Monarchia até nossos proprios dias.

VOL. I.

As aguas do rio Tejo lhe passam ao nascente, e a tornão por este lado inacessivel a aggressões hostis, que repetidas vezes tem repellido. Fica a principal povoação collocada no mais alto sitio a que chamão Marvilla. Nove calçadas dão entrada a esta eminencia; e oito portas a fechavão em tempos remotos, existindo ainda hoje algumas. O tempo e o desleixo tem arruinado o resto. Tem a villa quatorze conventos; onze que forão de frades e tres de freiras; e muitos palacios de familias no-

bres que a tornão magestosa. A nossa estampa representa Santarem olhada da margem esquerda do Tejo; e dá huma idea de sua alcantilada posição, mostrando-nos ao mesmo passo uma ponte cortada e construída no tempo da luta com D. Miguel. E' hoje praça de um regimento de artilheria, e cabeça de Comarca, abrangendo os Concelhos d'Alcanêde, Almeirim, Benavente, Cartaxo, Pernes e Rio Maior. Sua população é calculada em 3:806 fogos, e a de toda a Comarca em 13:950. Tem por armas uma torre com três baluartes em triangulo sobre aguas, e na porta da torre firmadas as quinas de Portugal. E' seu clima sadio e arejado; e a produção de vinho, azeite, cereaes e fructa é alli prodigiosa; e dignos de particular menção seus melões e melancias.

Varia tem sido a fortuna d'esta terra, que tantos possuidores tem tido desde a sua fundação. Os Celtas a tomarão quando vierão á Lusitania, trezentos e oito annos antes da vinda de Christo. Passou depois aos Romanos no tempo de Julio Cesar, que lhe chamou *Præsidium Julium* por ter alli vivido o mais do tempo que esteve na Lusitania. E foi de balde que os Alanos e Suevos tentarão tomá-la á força d'armas. Sua posição e muralhas, reunidas á valente coragem de seus possuidores, souberão defende-la. Conquistárão-a depois os Godos na era de Christo de 653 em tempo do Rei Recevintho; de quem passou aos Mouros em 715, tendo-se conservado por mais de trezentos annos no poder dos Godos. D. Affonso 6.º de Leão tomou-a aos Mouros aos 21 dias do m.º d'Abril de 1093; e foi-lhe por elles retomada em 1110, em tempo do Rei Cyro, que a sitiou e fez render á mingua. Depois em 8 de Mayo de 1147 foi de novo restituída aos Portuguezes por El-Rei D. Affonso Henriques, que de Coimbra veio a liberta-la; e com quanto fosse de novo sitiada e batida em 1167 por Albarraque Rei Mouro, nada pôde este conseguir, encontrando uma forçosa, e nunca até então vista resistencia.

Miramolim, Rei e senhor de Marrocos, e mais outros Reis Mouros, forão os ultimos que tentarão assenhorear-se de Santarem, mas infructuosamente; por quanto todos perecerão ás mãos do Monarcha Portuguez, de seu Filho, e mais valentes defensores da fé santa de Christo.

Em 1810 foi quartel das tropas Francezas commandadas por Junot, que no anno seguinte a abandonou obrigado a evacuar Portugal, e a retirar-se para Espanha.

Ultimamente em 1834 foi o ultimo recurso de D. Miguel, que, perseguido pelas tropas constitucionaes debaixo do commando dos Generaes Terceira e Saldanha, se encurrallou em Santarem, sahindo de lá para Evora Monte, onde seu reinado exhalou o ultimo suspiro.

FABRICAÇÃO DE RELOGIOS (*) NA SUISSA.

UM dos ramos mais interessantes do commercio Suisso é a fabricação de relógios, que forma um objecto de summa importancia nos districtos montanhosos de Neuchatel, na porção Franceza do Cantão de Berne, e na cidade e visinhanças de Genebra; e que tem sido a origem de riquezas e me-

lhorados commodos da vida aos habitantes do Jura, que, em suas isoladas aldeas, se tem grangeado grande porção dos gozos da vida. Ha muito tempo que a Suissa fornece deste genero os mercados de França, e ainda que certos relojoeiros francezes tem adquirido celebridade européa, está demonstrado que, no decurso do anno, não se fazem 10 relógios em Paris, cujo immenso commercio é fornecido pela Suissa, em relógios, cujas fabricas são sómente examinadas e rectificadas pelos manufactores francezes. A introdução por contrabando deste artigo em França era outr'ora immensa, e nenhuma fiscalisação podia obstar á entrada de objectos tão custosos em preço como diminutos em volume. Hoje em dia a importação é permittida mediante os direitos de 6 por cento sobre relógios d'ouro, e 10 por cento sobre os de prata. Estes direitos, como modicos, rendem uma somma consideravel.

As montanhas do Jura tem sido o berço de muita celebridade nas artes mechanicas, e principalmente naquellas cuja distincção peculiar é a miudeza e complicação. Durante o inverno, que nestes paizes occupa 6 a 7 mezes do anno, são estes povos encarcerados (por assim dizer) em suas habitações, e é neste tempo que elles se dedicão a trabalhos cuja execução requer o maior desenvolvimento de engenho e habilidade. Talvez 120,000 relógios são annualmente construidos nas elevadas regiões de Neuchatel. Os mais celebres relojoeiros francezes devêrão á Suissa a patria e educação.

A arte de fazer relógios foi introduzida na Suissa d'uma maneira digna de notar-se. Já no decimo-septimo seculo alguns mechanicos tinham construido pendulas de pezos; mas nenhuma idéa havia neste paiz de relógios movidos por molas, até que nos fins do referido seculo um habitante das montanhas, de volta d'uma comprida viagem, trouxe consigo o primeiro relógio d'algebra que naquellas partes já-mais se tinha visto. Foi este entregue para concerto a um habil official, que não sómente o conseguiu, mas tambem tentou fazer outro semelhante; no que foi igualmente bem succedido, não obstante as difficuldades que teve a superar assim na construcção da ferramenta que lhe era precisa, como na das diferentes peças do relógio. O feliz resultado deste trabalho foi geralmente fallado, e serviu de incentivo aos esforços d'outros mechanicos, que desta sorte dêrão nascimento a um novo genero d'industria nas montanhas de Neuchatel. Durante os primeiros 40 ou 50 annos poucos forão os operarios empregados na relojoaria, e em consequencia das difficuldades que se lhes offercião, na falta dos convenientes instrumentos, das materias necessarias, &c. os productos e os lucros forão neste tempo inconsideraveis. Passarão depois a obter de Genebra, e a final de Inglaterra, os ferros de que havião mister; mas os elevados preços, que por elles pagavão, induzirão alguns operarios a tentar construi-los para seu proprio uso. Com effeito poderão não sómente contender como os instrumentos estrangeiros, mas mesmo fabricar alguns mui uteis, de nova invenção, até ahi desconhecidos; e desde então não tem cessado de inventar instrumentos para a facilidade e perfeição da fabricação dos relógios; de modo que a manufactura de instrumentos e pertences de relojoaria forma hoje em dia um ramo de industria de tal importancia, que habilita os habitantes destes districtos a fornecer aquelles paizes de quem para este fim antes dependião.

Os lucros realisados no commercio da relojoaria tem generalizado sua manufactura. A população

(*) Neste artigo diremos simplesmente *relógios* quando quizermos denotar os relógios usualmente denominados *d'algebra*; aos *relógios de parede*, *meza* &c. applicaremos o termo *pendula*. Desta sorte evitaremos a circumlocução.

tem triplicado, independentemente do grande numero de officiaes que se tem hido estabelecer por quasi todas as cidades da Europa, nos Estados-Unidos da America do Norte, nas Indias Orientaes, e até na China. O paiz, não obstante a esterilidade do terreno, e a severidade do clima, tem melhorado em sua apparencia: por toda a parte se encontrão lindas e bem edificadas aldéas, cujas intermedias communicações são de facil transitio: e cuja industriosa população, se não conta grandes proprietarios, goza ao menos d'uma feliz mediocridade e d'uma grata independencia.

O commercio da relojoaria continua em augmento. Um relógio já não é, como outr'ora, um objecto de luxo; é um artigo de indispensavel necessidade em todas as classes da sociedade; e como a augmentada perfeição do relógio tem caminhado a par com a diminuição do seu custo, um relógio ordinario, que indique exactamente as horas do dia, está actualmente ao alcance de todo o individuo que se propoz a obtê-lo.

O numero de relógios annualmente fabricados no cantão de Neuchatel, é como dissemos, de 100 a 120 mil, dos quaes 35,000 são d'ouro, e os mais de prata. Se suppozermos que cada relógio d'ouro vale 24\$000 réis, e cada um de prata 3\$200, acharemos que esta manufactura representa um capital de 1,120 contos de réis. Este calculo é ainda diminuto, porque nelle não entra o artigo pendulas, nem o dos instrumentos de relojoaria.

Todos os paizes da Europa são suppridos na maior parte pela Suissa. Os Estados-Unidos d'America do Norte excedem a todas as mais nações na importação de relógios. O commercio com a Turquia e os portos do Levante é tambem consideravel. O Governo da Confederação Suissa trata de estabelecer a exportação para a China, por terra, por meio da Russia.

O numero de officiaes mechanicos empregados na relojoaria pôde marcar-se, por estimativa, entre 18 a 20 mil; mas é difficilissimo determinar o exacto numero, porque esta classe trabalha em suas cazas e no meio de suas familias. Um destes officiaes poderá ganhar annualmente de Rs. 220\$000 a Rs. 330\$000. Seus habitos de industria e previsão são fortemente demonstrados pela estatistica dos *Bancos d'Economias*. No principado de Neuchatel e n'uma população de 56,000 pessoas havia, no anno de 1834, 3,084 cujos pequenos fundos estavam depositados no Banco da Villa, ao juro estabelecido de $3\frac{1}{2}$ por cento. A quantia total depositada sommava 570,000 cruzados.

CONSPIRAÇÃO DO ARCEBISPO DE BRAGA.

(1641)

NEM sempre grandes feitos encontrão grandes recompensas. A ingratidão, este defeito quasi universal da raça humana, é muitas vezes a paga de serviços de grande valia.

O immortal D. João IV restaurador do Throno Portuguez, no meio de todos os ponderosos serviços, que prestou á sua patria, encontrou ingratos; e no centro mesmo de sua Côte, esteve a ponto de ser victima d'aquelles a quem tinha libertado do jugo Hespanhol.

D. Sebastião de Mattos de Noronha, Arcebispo de Braga, foi autor, e principal director de uma conspiração, que contra este Monarcha se projectou. Quando ElRei se acclamou, exercitava este

prelado a occupação de Presidente do Paço, e com quanto houvesse quem se lembrasse de mata-lo reccendo sua inclinação aos interesses de Castella; prevaleceu a opinião dos bem intencionados, que imaginavão obrigar-o com beneficios: politica, cujo successo depende dos animos em quem se emprega. Por esta razão foi o Arcebispo eleito para compôr o governo do Reino, durante a auzencia do Rei, que na volta lhe fez tantos favores, que bastariao para grangeá-lo, se não fosse de animo tão obstinado.

D. Luiz de Menezes, Marquez de Villa Real, foi a primeira pessoa a quem D. Sebastião participou seus intentos, promettendo-lhe em recompensa o Vice-reinado de Portugal, e assim o illudiu lisongeando sua ambição. O Marquez communicou esta deliberação a seu filho D. Miguel de Noronha, Duque de Caminha, que resistindo a principio ás instancias do Pae, cedeu a final. Persuadiu tambem o Arcebispo a seu sobrinho Rui de Mattos de Noronha, Conde d'Armamar, e facil lhe foi o enganar sua pouca experiencia. A outros muitos confiou elle seu desordenado intento; mas não referimos seus nomes para não enfadar nossos leitores; se bem que não occultaremos o de D. Agostinho Manoel, e o Inquisidor Mór, pessoas de maior nomeada e distincção.

Entrarão tambem nesta conspiração alguns Judeus ou Christãos novos, a quem se prometteu a tolerancia civil dos ritos judaicos; e até chegarão a ser desencaminhadas pessoas do serviço d'ElRei.

Estava o projecto bem traçado, e tinham-se prestes todos os meios de o executar. Os Judeus haviam de pôr fogo aos bairros da Cidade: os conjurados, que estivessem no Paço, darião entrada aos de fóra e irião matar ElRei a punhaladas; e feito isto prenderião a Rainha com seus filhos. Depois o Arcebispo e o Inquisidor Mór, precedidos de suas cruces, clero, e officiaes sahirião pelas ruas da Cidade a aquietar o povo, ao mesmo passo que estarião tropas Castelhanas promptas para o castigar de sua rebellião, e impossibilitar-o de a renovar.

Mas o olho vigilante da Providencia não perdia nem uma de suas rebeldes maquinações; e toda a trama foi descoberta.

Desvárião os historiadores sobre o modo. Dizem uns que encontrando-se acaso um espia de Castella com outro de Portugal na fronteira, o Portuguez apunhalára o Castelhana, e tirando-lhe as cartas que trazia as levára a Lisboa, descobrindo-se por ellas a conspiração. Outros attribuem a honra desta descoberta ao Marquez d'Ayamonte, Governador da primeira praça fronteira de Hespanha, parente chegado da Rainha de Portugal, e que tinha intelligencias com o Duque de Medina Sidonia, a quem queria fazer acclamar Rei da Andaluzia. Dizem que o Marquez recebendo cartas por via de um Pedro de Baeça ou Beça, Thesoureiro da Alfandega, homem de negocio, e Judeu occulto; e admirando-se de as vêr selladas com as armas da Inquisição de Lisboa, e dirigidas ao Conde Duque de Olivares; resolveu-se a abri-las, e achando nellas a traça da conspiração, as remetteu a ElRei de Portugal. Dizem outros, que sabendo o Arcebispo que se tirára ao Conde de Vimiozo o Governo de uma praça que tinha na fronteira, entrou a sonda-lo; e porque lhe pareceu que o Conde approvava seus designios, revelou-lhe toda a conjuração, de que este Senhor foi dar parte a ElRei. Ha tambem quem affirme que tal descoberta foi feita por Luiz Ferreira de Barros, que sabendo tudo de Pedro de Baeça, o atraçoára descobrindo-o a ElRei.

Fosse porem qualquer o meio como se conheceu semelhante trama; o certo é que ElRei atalhou sua execução com summa prudencia, não dando o menor passo até o mesmo dia, em cuja noute se havia de executar, que era a de cinco d'Agosto.

Mandou S. M. entrar em Lisboa ás 10 horas da manhã toda a gente de guerra que estava nas aldeas visinhas, como para lhe passar revista; e deu com sua propria mão e em segredo muitos papeis chancellados a pessoas de quem se fiava, com ordem de os abrirem sómente ao meio dia, e então executarem pontualmente o que nelles se ordenava. Depois mandando chamar a Conselho o Arcebispo, e o Marquez de Villa Real, os prendeu sem o menor rumor. O Duque de Caminha foi preso na praça publica, e no espaço de uma hora o forão também quarenta e sete dos conjurados. E divulgando-se por Lisboa a noticia, requereu o povo com grandes brados que se lhe entregassem os traidores; ao que ElRei se oppoz, querendo que fosse a lei que os punisse, provendo efficazmente na segurança publica, e dando logar ao convencimento dos réos.

Era tanta a bondade d'aquelle benigno Monarcha, que teria usado de clemencia com os culpados, se ao contrario o não obrigasse o Conselho de Estado, que convocou para deliberar sobre tal objecto. Mas todos os Conselheiros se oppozerão a suas bondosas intenções, e os delinquentes forão entregues aos Tribunaes Ordinarios; conseguindo apenas ElRei subtrahir á justiça as cartas que tinha em seu poder, e que documentavão á farta sua negra perfidia.

Baeça sendo mettido a tormentos descobriu toda a conjuração. O Marquez de Villa Real, o Duque de Caminha, o Arcebispo e o Inquisidor Mór não necessitarão d'este meio para confessarem a exactidão de seus crimes. Os dous primeiros, o Conde d'Armamar, e D. Agostinho Manoel forão degolados no dia 29 de Agosto. O Secretario do Arcebispo, e mais quatro morrerão enforcados. O Arcebispo e o Inquisidor forão condemnados a prisão perpetua, onde morreu pouco depois o Arcebispo. O Inquisidor d'ahi a annos foi posto em liberdade. Os bens de todos forão confiscados para as despesas da guerra.

Parece-nos digno de referir-se um dito da Rainha, a Sr.^a D. Luiza Francisca, nesta occasião. O Arcebispo de Lisboa julgando que tudo se devia a seus serviços, quiz valer a um de seus amigos, e pediu o perdão á Rainha com grande confiança. "Arcebispo" lhe respondeu ella "a maior mercê que vos posso fazer acerca do que me pedis, é esquecer-me de que m'o haveis pedido."

DO REPOUSO; E CASO RARO DE SOMNAMEULISMO.

O HOMEM não é construido de modo que possa gozar d'uma actividade indefinita; destinou-lhe a natureza uma existencia interrompida; é mister que as suas percepções cessem depois d'um certo tempo. Este tempo de actividade póde prolongar-se, variando o genero e a natureza das sensações que nesse periodo experimenta; mas esta continuação d'existencia o conduz a desejar o repouso: o repouso o leva ao somno, e o somno produz os sonhos.

Aqui nos encontramos nos ultimos limites da humanidade, porque o homem que dorme já não é o homem social; a lei ainda o protege, porem já não o manda.

E' este naturalmente o lugar de referir um facto bastante singular contado por dom Duhaget, prior da Cartuxa de Pierre-Châtel em França, no fim do seculo passado; que foi vinte annos capitão d'infanteria, e era cavalleiro de S. Luiz, homem honrado e cheio de piedade.

"Tinhamos," dizia elle a um amigo, "n'um mosteiro onde fui prior antes de vir a Pierre-Châtel, um religioso d'um temperamento melancolico, e sombrio, e conhecido como somnambulo.

"Algumas vezes nos seus accessos saía da sua cella e entrava só; outras vezes perdia-se e era necessario conduzi-lo para o seu quarto. Consultarão-se os medicos e derão-lhe alguns remedios: depois as recaídas erão menos frequentes, e ninguem fazia caso d'elle.

"Uma noute que não fui para a cama ás horas de costume, estava ao pé da minha meza occupado em examinar alguns papeis, quando senti abrir a porta do meu quarto, na qual sempre deixava a chave; e logo vi entrar o tal religioso n'um estado perfeito de somnambulismo.

"Tinha os olhos abertos, porem fixos; estava vestido somente com a tunica com a qual devera deitar-se, e na sua mão direita via-se uma grande faca.

"Elle foi direito para a minha cama cuja posição sabia, examinou o local apalpando com a mão para indagar se eu estava alli effectivamente: depois d'isso, deu tres grandes facadas, com tal força, que havendo o instrumento passado os cobertores entrou profundamente no colchão, ou para exprimir-me com mais propriedade, na esteira que me servia de colchão.

"Quando passou por diante de mim, tinha a figura contrahida, e as sobranceiras franziças; porem logo que deu as facadas, e que se voltou para traz observei que o rosto estava mais natural e com certo ar de satisfação.

"A luz dos dous candieiros que estavam sobre a minha meza não causou a menor impressão nos seus olhos, e voltou como tinha vindo, abrindo e fechando com discrição duas portas que conduzião a minha cella; e logo observei que se retirou em direitura e pacificamente para a sua.

"Bem podeis julgar, continuou o prior, qualdevêra ser o meu estado durante aquella terrivel apparição. Estremeci de horror á vista do perigo em que me tinha achado, e dei graças á Providencia; porem a minha emoção foi tamanha que não pude fechar os olhos em toda a noute.

"No dia seguinte mandei chamar o somnambulo e perguntei-lhe sem affectação em que tinha sonhado na noute antecedente.

"Ao ouvir esta pergunta pareceu consternado. Padre, me respondeu elle, tive um sonho tão estranho, que verdadeiramente não me atrevo a contar-volo; foi talvez alguma tentação do demonio; e.....

— Eu vo-lo ordeno, repliquei-lhe; um sonho é sempre involuntario; e é somente uma illusão. Fallae com sinceridade. — Meu padre, disse elle então, logo que me deitei na cama sonhei que vós tinheis morto a minha mãe; que a sua sombra ensanguentada me apparecia para pedir vingança, e que a esta vista eu me enchi de tal furor, que corri como um doudo ao vosso quarto, e tendo-vos achado na cama vos apunhalei. Pouco tempo depois, acordei banhado n'um suor copioso, detestando meu attentado; e logo agradei a Deus de não ter commettido tão grande crime.... — Foi commettido mais do que imaginaes, disse-lhe eu com ar serio e tranquillo.

"Então contei-lhe o que tinha passado, e amos-

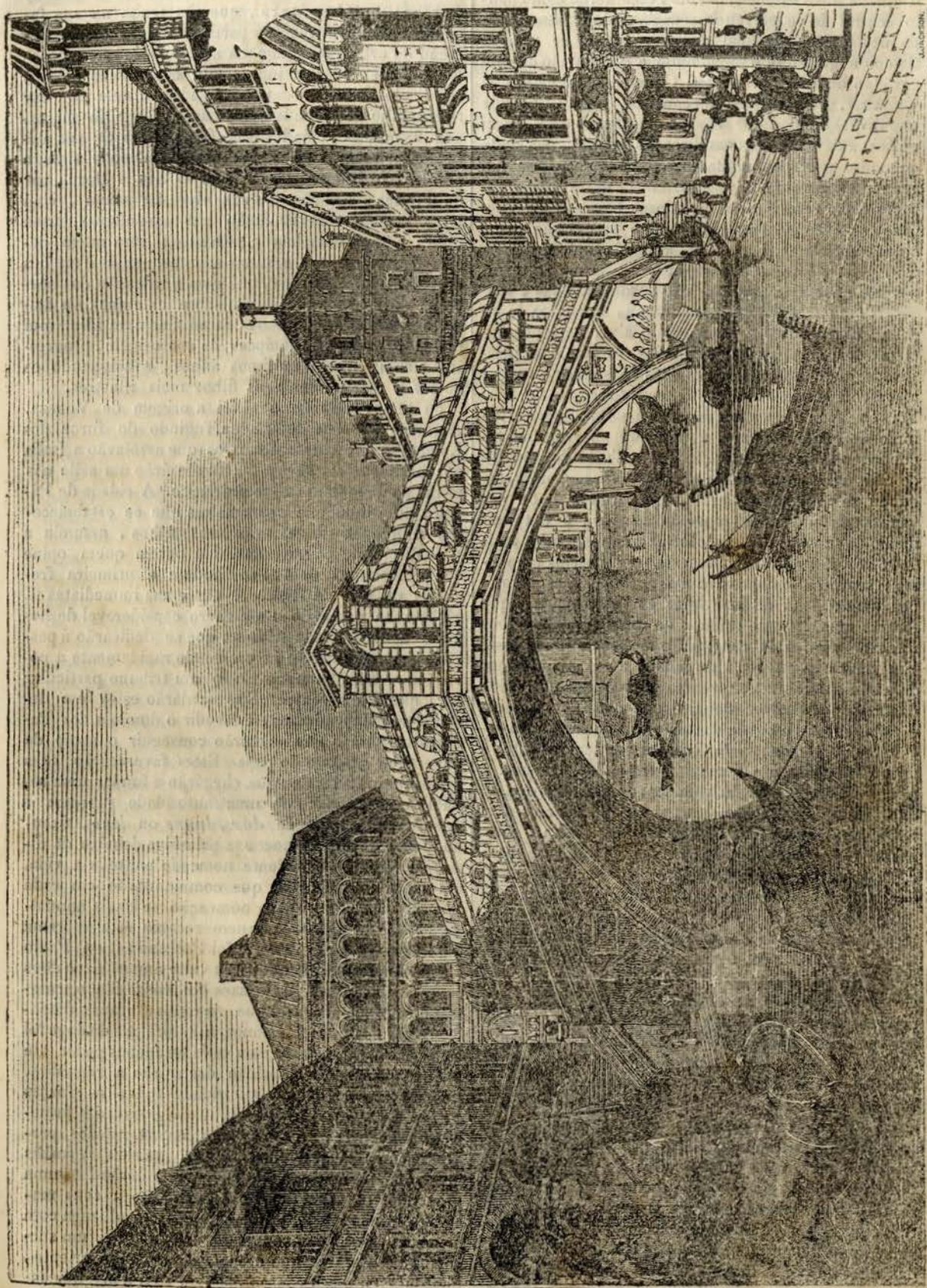
trei-lhe os sinais das fachadas que dera na cama.

“ A esta vista, lançou-se aos meus pés derramando lagrimas, gemendo sobre a desgraça involuntaria que podia ter acontecido por sua culpa, e pedindo a penitencia que eu julgasse dever impor-lhe.

“ Não, não, exclamei eu, não vos castigarei por um acto involuntario; mas para o futuro ficais dispensado de assistir aos officios nocturnos, e vos

faço saber que a porta de vossa cella será fechada por fóra depois da cea, e não se abrirá senão para que possais assistir á missa da familia que se diz ao romper do dia. ,

Se, n'esta occasião, em que escapou o prior milagrosamente, este tivesse sido morto, o religioso somnambulo não teria sido castigado pelas leis, porque da sua parte fóra assassinio involuntario.



PONTE DE RIALTO EM VENEZA

PONTE DE RIALTO EM VENEZA.

ESBOÇO HISTÓRICO D'ESTA REPUBLICA.

DAS varias ilhas formadas pelas lagoas e canaes das aguas do Adriático, que entrão no terreno onde hoje existe a famosa cidade de Veneza, a de Rialto foi a primeira que os Paduanos, primitivos colonos d'aquelle novo estabelecimento, escolherão como ponto central de concorrência, declarando-a pouco tempo depois ilha principal do golfo, como se presentissem a grandeza e predomínio a que havião de chegar tão humildes principios. Chamou-se tambem *Canalazzo*, grande canal ou canal de Rialto, aquelle que divide a cidade de Veneza em duas partes quazi iguaes atravessando-a em direcção espiral, servindo de ponto geral de contacto e communicação a um grande numero de canaes menores, entre cujos espaços estão repartidos os populosos bairros e as risoñhas casas da cidade, cujas ruas e praças são quazi outras tantas pequenas ilhas, animadas pelo commercio, pelas góndolas e barcos, pelos jardins e terrados nos quaes a vegetação se obstenta variada e louçã. No meio do grande canal, isto é, no centro da cidade, está a soberba ponte de Rialto, cuja perspectiva, com uma parte dos edificios que nas duas margens se descobrem desde os seus dous estribos, vê-se representada na estampa que precede o presente artigo. Foi construída no anno de 1591 pelo architecto Antonio de Ponte, tendo o commando supremo da republica o doge Pascoal Cicogna. É uma das pontes de mais renome por causa da sua solidez. Consta, segundo se vê, d'um só arco, cuja corda é de 83 pés venezianos, a sua largura é de 66 pés; e o termo medio da sua altura desde o nivel da agua, pouco mais de 18 pés. A superficie apresenta tres passeios parallellos, separado o do centro dos passeios dos lados, por uma enfiada de doze lojas em cada parte, que formão uma elegante galleria de arcos divididos por um alto portico de construção massiça e majestosa. Em ambas as margens do canal, e nas visinhanças da ponte, descobrem-se veneraveis edificios e palacios da antiga nobreza veneziana, alguns muito sumptuosos, e todos elles dignos da attenção pela variedade da architectura. O palacio de Grimani particularmente é uma obra primorosa de magnificencia, de elegancia e riqueza, com a sua fachada de ordem corinthia. O de Tiepolo, de construção moderna, offerece uma habil combinação das ordens dórica, jónica e composta. O de Loredano serve hoje de officinas para carruagens de posta, barcos de vapor &c. O de Bembo distingue-se pela sua architectura, particular do gosto da idade media. O palacio Manino tem uma formosa fachada de ordem dórica, jónica, e corinthia, e conserva-se n'elle uma volumosa livraria, composta principalmente de livros e manuscritos preciosos para a historica da republica de Veneza. Na margem esquerda são dignos de attenção os *Porticos velhos de Rialto*, cuja altura é de 41 pés e que descrevem varias linhas n'uma extensão de perto de tres mil pés; celebravão-se antigamente, n'elles as sessões dos magistrados e da corporação dos negociantes. O palacio do thesouro, d'ahi perto, apresenta uma forma irregular, porem é considerado de muito merito, por causa da habilidade do architecto que pode vencer as difficuldades do terreno. Quasi defronte, e na margem direita está a alfandega e outras repartições do ramo da fazenda; a porta principal é muito magestosa; as duas fachadas forão pintadas a fresco por Titiano e Giorgione, de cujos trabalhos hoje apenas se descobrem alguns vestigios. Es-

te edificio, de 512 pés de circumferencia, conta mais de 200 quartos; foi construido no século XIII, e renovado no decimo sexto depois d'um incendio que destruiu parte d'elle. A pouca distancia na margem esquerda se vêm os novos edificios de Rialto, destinados ao serviço do commercio, e compostos (nas tres ordens rústica, dórica, e jónica que presenta a fachada) de vinte e cinco arcos n'uma linha de 250 pés de comprimento com uma altura de 45 pés. Raro é o edificio entre os mais eminentes de ambas as margens do *Canalazzo*, que não tenha na sua fachada, algum attractivo particular para a consideração do artista ou amigo da architectura; monumentos todos elles, que juntamente com outros muitos espalhados n'aquella extensa cidade, servem para dar testemunho da passada opulencia e poder da metropoli veneziana, cuja historia é tão digna de ser estudada pelas grandes lições que d'ella pode tirar o politico, o litterato e o artista. O conde Daru, par de França, dedicou-lhe sua elegante penna, com tanta filosofia como erudição nos oito volumes da sua obra, a mais completa e proveitosa para quem deseja instruir-se nos grandes acontecimentos d'um dos estados mais poderosos, que com a irrupção dos barbaros do norte se formarão sobre as ruinas do imperio romano. Tentaremos aqui dar uma idéa mui rápida das épocas principaes da sua origem, progressos e ruina n'estes ultimos annos, consignando os nomes e meritos dos seus filhos mais illustres.

Já temos indicado qual foi a origem de Veneza. Alguns familias de Padua fugindo do furor dos Lombardos, e outros barbaros que assolavão a Italia nos principios do século V, procurarão um asilo nas terras pantanosas do golfo Adriático. A cidade de Padua, allegando que os primeiros que se estabelecerão n'aquelles ilhotos erão seus filhos, assumiu a si o direito de os governar. Ha porem quem opine que pelos annos de 421 se fundára a primeira freguezia na ilha de Rialto. N'ella e nas immediatas fixarão o seu domicilio um numero consideravel de homens activos e industriosos, que se dedicarão á pescaria e ao commercio, e crescendo rapidamente a povoação, cada ilha nomeu logo um tribuno particular para que a governasse. Não tardarão estes em declarar-se independentes, e sacudir o dominio dos Paduanos, para o que soubérão conseguir o apoio do imperador grego e do papa. Estes favorecerão suas pretensões em termos que chegarão a fundar uma républica presidida por uma autoridade suprema á qual davão o nome de *dux*, *duque* ou *doge*, fixando d'esta sorte a democracia primitiva debaixo da direcção d'um só presidente nomeado por toda a vida, em lugar dos tribunos que commandavão em cada ilha ou districto, e cuja nomeação se fazia annualmente. O primeiro em quem recaihiu esta suprema dignidade no anno de 697 foi Paoluceio, ou Paulo Lucas Anafesto, que a exerceu vinte annos. Teve dous successores, depois dos quaes foi conferido o commando a dous generaes que se mudavão annualmente, porem passados seis annos, a autoridade do doge foi restabelecida, e durou com mais ou menos poder até que as armas de Napoleão destruíram a republica.

Concentradas n'uma autoridade todas as forças e toda a actividade nacional, e dirigidas com firmeza e prudencia, os Venezianos fizeram rapidos progressos no espaço de cinco seculos. As suas façanhas militares e a opulencia do commercio derão-lhes uma preponderancia politica que facilitarão a seus magnates intimas relações de parentesco e alliança com principes, reis, e imperadores. No século X um successor dos Cesares que occupava o trono do oriente, honrou com o seu consentimento, com a magnificen-

cia dos presentes que fez, e com o esplendor das festas que deu, o casamento da sua filha com um cidadão de Veneza.

A dignidade de doge, que era a que mais participava d'este engrandecimento, passou a servir vistas de ambição pessoal, e assim chegou a ser quasi soberana e independente, assumindo a faculdade de nomear o seu successor, até que no anno de 1172, o senado teve arte e energia bastante para refrear o seu poder, estabelecendo um conselho que equilibrasse o do doge, a quem podia depôr no caso de incapacidade ou abuso excessivo das suas attribuições, do que houve alguns exemplos. Veneza, vigorizada com a reforma do seu governo republicano, soube commerciar e combater do recinto das suas lagoas. Numa longa e brilhante serie de prosperidades e altos feitos, repelliu os Hungaros, assegurou a posse da Dalmacia lutando contra as forças do imperio do Oriente, protegeu os papas, fez-se respeitar dos imperadores de Allemanha, e no principio do seculo XIII, unindo suas armas victoriosas com as dos Cruzados, teve a parte mais brilhante na tomada de Constantinopla.

O feliz resultado da expedição do Oriente, a sublimidade do genio, e dos talentos, a nobre conducta e magnanimidade do doge Enrique Dándolo, eleito no anno de 1192, fazem dos treze annos que durou o seu commando, a época mais illustre da historia veneziana. Quando tomou as redeas do governo já elle era d'uma idade octogenaria. Quão digno da admiração é o nobre ardor d'um virtuoso ancião, que encurvado debaixo do pezo de 94 annos, se mostra a um mesmo tempo émulo dos Nestores e Achilles, commandando uma armada de 500 velas, fazendo-se obedecer, amar, e respeitar de 40,000 guerreiros de diversas nações, dirigindo animosamente o assalto de Constantinopla! No mais renhido do combate distinguia-se o nobre doge, armado de todas as armas, em pé na ponte da sua galera junto ao estandarte de S. Marcos, animando e incitando sua gente com ameaços e promessas, com acções heroicas, com palavras cheias de fogo. Resolvido a sacrificar á gloria da sua patria os preciosos restos da sua illustre carreira, é o primeiro que desembarca ao pé dos fortes e bem defendidos muros, e marchando sem parar um momento á testa dos seus valentes Venezianos, assalta, vence, e faz tremolar no alto torreão da capital do Oriente a bandeira da republica. Não é menos digno de admiração este grande homem pela consumada prudencia, e sabedoria que desenvolveu no meio de todos os obstaculos que se oppunhão a sua empreza, obrigando-o a lutar a cada passo com um inimigo poderoso, e contra os prejuizos do seculo que embaraçavão seus nobres esforços, para subir finalmente ao zenith da gloria que soube adquirir amalgamando todos os elementos heterogeneos de que se compunhão as cruzadas. Elle era a alma dos conselhos, elle temperava e acalmava as controversias que depois se acendêrão em Constantinopla. Porem o seu patriotismo e a sua heroica prudencia chegarão ao mais alto ponto, quando no anno de 1204 recusou acceitar o diadema do Oriente, que com vivas instancias lhe foi offerecido pelos eleitores. A feliz e casual combinação de circumstancias pode muito bem offerecer uma coroa, mas só a sublimidade d'uma virtude quasi incomprehensivel sabe sacrificar ao verdadeiro bem da patria as pretensões da ambição, justificadas por uma multidão de meritos eminentes e de serviços incomparaveis. Quantos conquistadores, quantos guerreiros illustres se tem perdido no abismo aberto pela sua propria cegueira!

Depois do exemplo de Dándolo, que morreu no anno de 1207, desaparece o prestigio maravilhoso que soube dar a Veneza, porque raras vezes succedem a homens do seu merito outros capazes de encher o grande vacuo que elles deixão. O dominio da republica extendia-se n'aquelle tempo até uma muito consideravel parte do Oriente, e metade de Constantinopla. Ajuntou-se-lhe alem disso a Morea como feudo annexo ao titulo de *déspota* ou príncipe imperial, revestido da dignidade do doge, e tambem a ilha de Candia, que foi comprada ao marquez de Monferrat. Formavão pois os estados Venezianos uma longa cadeia de ilhas, de provincias e reinos, que se extendião desde o interior do Adriático até o mar Negro. Que manancial de riqueza para a republica n'um tempo em que todo o commercio da Europa com a India se fazia por aquelles lados!

N'aquelle tempo abrirão-se novas carreiras a grandes emprezas commerciaes, e relações proveitosas com as regiões mais affastadas, por meio das atrevidas e longas viagens de Nicolau e Matheus Polo, que saindo de Veneza no anno de 1255 e tocando em Constantinopla, aonde reinava então Balduíno II, atravessarão o mar Negro, passarão a Armenia, internarão-se na Tartaria até a corte do grande Kan, voltarão a Veneza, e regressarão a Tartaria com Marco-Polo, filho de Nicolau. Este mancebo soube de tal arte ganhar a affeição do Kan Kublai, que lhe confiou varias embaixadas para o Cathai, a China e outras regiões extremas da Asia. Finalmente, depois de permanecer pelo espaço de dezasete annos na corte da Tartaria, os Polos voltarão a sua patria no anno de 1295 para a enriquecer com as noticias e importantes relações que haviam adquirido em 40 annos de viagens pela parte mais remota e desconhecida da Asia n'aquelle tempo, e que o celebre Marco-Polo deixou consignadas para aproveitamento d'outros muitos viajantes posteriores, na sua immortal relação *Delle maraviglie del mondo da lui vedute*, (*) confirmada em grande parte pelas expedições modernas.

Achavão-se então á testa dos negocios do estado homens virtuosos, habéis e esforçados, que considerando a grande extensão do territorio do seu commando e a inconstancia da fortuna, reconhecerão a necessidade de modificar a constituição pela força dos successos e segundo a differença dos tempos, para manter a gloria e a prosperidade da nação; posto que outros sejam d'opinião que com esta mudança o esfriasse o espirito de patriotismo, ao vêr-se o poder nas mãos d'um pequeno numero de nobres; aristocracia severa e parcial, que privava ao povo da parte que até ahí tinha tido no governo, e que propendia a humilhar, e mesmo ás vezes a opprimir todas as outras classes.

Desde anno de 1172, segundo anteriormente fica dito, havia em Veneza, em lugar de assembleas geraes, um conselho representativo composto de 470 membros que se mudavão annualmente. Todos os cidadãos, qualquer que fosse a sua classe, tinham direito electivo, e podião tambem ser membros do conselho, com o que se conservava o systema democratico, ainda que a antiga influencia popular nos negocios do estado achava-se muito diminuta. Os paes da patria, quer levados do melhor zelo, quer por vistas menos nobres, como alguns pensão, julgarão que esta constituição não podia convir á nova ordem de cousas; e deixando-se guiar pelo valor, prudencia e talento do doge Pedro Gradénigo, se revestirão d'uma fortaleza proporcion-

(*) Das maravilhas, que vira, do mundo.

da ao tamanho da empresa, e decretarão, anno 1297, que para o futuro os membros do conselho representativo da nação não haviam de ser eleitos entre os individuos de todas as classes, senão que haviam de ser exclusivamente nomeados da totalidade do numero de conselheiros actuaes e que o tivessem sido nos quatro annos ultimos, e os seus descendentes; fazendo d'esta arte que a *aristocracia* ficasse substituida em lugar da *democracia primitiva*. E' uma coisa bem singular ver como se fez esta grande mudança sem derramar uma gota de sangue, e o menor alboroto, prova certa da summa prudencia e habilidade com que se executou. Não deixou porem de produzir alguns annos depois varias turbulencias, como a conspiração de Bajamonte Tiépolo, que foi descuberta e reprimida pela firmeza e vigilancia do mesmo Gradéigo. Restabeleceu-se prontamente a tranquillidade, apezar de haver corrido imminente perigo a vida do doge e todos os conselheiros. Para melhor assegurar a nova ordem de cousas, estabeleceu-se o terrivel conselho dos DEZ, conhecido tambem pelo nome de INQUIZIÇÃO DE VENEZA.

Conseguirão pois completamente as suas vistas os reformadores. A aristocracia sustentou com honra a existencia politica do estado, e pôde resistir aos tiros da rivalidade com que a offendião as outras potencias da Italia, e o restante da Europa, ao mesmo tempo que se via ameaçada dos Turcos, cujo poder punha em perigo a todo o Oriente. Por este tempo Veneza teve momentos muito criticos: a republica de Genova, sua competidora, aproveitando-se de tão favoravel occasião, destroçou uma parte das suas forças maritimas, e lhe fez uma guerra tanto mais vantajosa quanto os nobres Venezianos não se atrevendo a permitir aos seus subditos o uso das armas, formavão os seus exercitos com tropas d'estrangeros mercenarios. A republica, sempre respeitavel ainda nos seus revezes, viu-se finalmente obrigada a ceder, bem que não o fez sem primeiro disputar o terreno palmo a palmo ao irresistivel poder dos Turcos que a força de prodigalizar sangue a torrentes, vencião todos os obstaculos. Mas se d'uma parte os Venezianos se vião forçados a estreitar suas fronteiras maritimas, d'outra sabião desforrar-se dilatando-as nos territorios adjacentes ás lagoas, e conservando a todo o custo a ilha de Corfú depois de perderem as de Chypre e Creta.

O final para outro Numero.

A UM AMIGO CONSOLANDO-O NA MORTE DA SUA ESPOSA.

EPISTOLA, ESCRITA POUCO TEMPO DEPOIS DO CERCO DO
PORTO, E ANTES DE TERMINAR A GUERRA CIVIL.

*Invidious Grave! how dost thou rend in sunder
Whom love has knit, and sympathy made one!*

The Grave. A Poem, by R. Blair.

Desde as margens do Douro em sangue tinto
Magoado, melancolico, cuberto
De luto o coração, de pranto os olhos
Teu Amigo infeliz saudar te envia,
A ti mais infeliz! . . . E nem lhe impede
O temor de tocar a crua chaga
Que inda goteja sangue, e vêr teus olhos
Cheios de novas lagrimas . . . O céo

Deu por bálsamo ás penas dos humanos
Contá-las e chorar. Ah! Que seria
Do homem infeliz se não chorára! . . .
Quantas vezes, Amigo, ao ceo dei graças
Em paga do meu pranto — pranto dado
Para alliviar o coração qual vemos
Calmar a chuva o mar encapellado.

Chora pois, chora até calmar a pena,
'Té que o azedume do teu mal se extinga,
Talvez outros amigos verdadeiros
De mais saber e de maior ventura
Da severa virtude em teus ouvidos
Farão soar a voz. Eu, que no mundo
Mais que uma vez do caliz da amargura
'Té as fezes bebi, não achei nunca
Para a dôr mais allivio que a dôr mesma;
Até que já cansada, sem alento
Em vão luctando e reluctando a alma
Da dôr ao grave pezo se rendia . . .

Cre-lo-has, caro Amigo? . . . Chega um tempo
Em que da dôr os fios embotados
Esse afan, esse acerbo sentimento
Se convertem em placida tristeza;
E n'ella absorta, embebecida a alma
Em si mesma se esconde silenciosa
„ Sem que nem dita, nem prazer inveje.

Duvidas que assim seja: outrora eu mesmo
Como tu duvidei; julgava eterna
A profunda afflicção, e grave insulto
Dizer-se que n'um tempo fim teria . . .
E teve fim! — De Deos benigno aos homens
Eis aqui outro dom, que assim sómente
Entre tantas desditas e miserias
Soffrer se pôde a vida amargurada.

Espera: á minha voz dá attento ouvido,
E fia-te de mim . . . Quem n'este mundo
Comprou tão caro o privilegio amargo
De fallar da desgraça? . . . Em tantos annos
Viste um dia sómente, um triste dia
Em que eu não fosse o miseravel brinco
D'um destino fatal, qual debil ramo
Que o furacão arranca, e pelos ares
O remonta um instante, e contra a terra
O lança em giros desfazendo-o em lascas? . . .

Contra os golpes da sorte, eu sei, Amigo
Quando sómente em nós os descarrega,
O firme coração oppoem-lhe escudo. —
— Mas não succede assim . . . — E acaso pensas
Que não tenho perdido objectos caros
Dignos do meu amor? . . . Na minha infancia
D'uma extremosa mãe me vi privado.
Seguiu-se a ella em breve o pái querido,
E após d'elle um irmão: assim no mundo
Guiado entrei por misera orfandade,

Desvalido, infeliz, e sem apoio
 Voltando os olhos cheios d'innocencia
 Para aquelles que em vez de doce amparo
 Só m'offrecião um venal sorriso,
 Ou na minha candura confiados
 Privar-me do que tinha maquinavão.
 Quando na flor da vida conduzido
 Pelo risonho Amor, no sacro templo
 Fui de Hymeneo entrar, tive a fortuna
 De achar segundo pái, mas de repente
 M'ø arrebatou invejozo o cruel Destino.

Tu na tua afflicção de certo grave
 Maior consolação e allivio achaste.
 Sim, bom Amigo; ainda que rebelde
 Se torne contra mim a pena tua
 Has de escutar agora a voz severa
 De quem nunca a fortuna lisongeára,
 Nem hoje adula a dôr que te consume...
 Tu na desgraça tua inesperada
 Não te afastaste da querida Esposa,
 E na extrema doença carinhoso
 Velaste junto d'ella e recebeste
 Seu último suspiro; tu apertaste
 A sua mão; tu a viste tristemente
 A ti extender seus braços, e nos teus
 Deixar como penhor os lindos filhos.

Porem eu proprio sem querer afundo
 O punhal no teu peito, renovando
 Perante a tua vista a negra imagem
 Do momento fatal em que luctava
 Entre a vida e a morte... Já seus males
 Para sempre findarão: ella mesma
 Ao ceo erguendo os moribundos olhos
 Na sua angustia o supplicou tranquilla,
 E na serena magestosa fronte
 Ao tempo de morrer brilhou a esperança.

Oh! se nos fosse dado do sepulcro
 Penetrar os arcanos!... Quantas vezes
 A nossa acerba dôr menor seria!
 N'este mesmo momento em que lamentas
 D'uma mísera Esposa o triste fado,
 Quem te disse, Infeliz, que mais ditosa
 Não goze agora de eternal ventura?...
 Callas... e sobre o peito lacerado
 Reclinas a cabeça!... Eu te rogo
 Não calles, não, responde, e se te atreves
 O fundo sonda do espantoso abismo
 Que da adorada Esposa te separa.
 Pensa, vóa, atravessa a eternidade
 E dize-me depois com candideza
 Onde está, se é feliz, se desgraçada,
 Se pede luto, ou parabens. —

Ha pouco

(Ati conta-lo posso: outros, mofando,

D'este meu desvario escarnecêrão)
 Só, triste, vagaroso passeava
 Pelos campos visinhos á cidade
 Que em guerra desigual, sanguinolenta
 Lutando contra a infame tyrania
 Vencedora sahiu, e em letras d'ouro
 Seu nome mereceu ver esculpido
 Na altissima pyramide que adorna
 Da fama o templo colossal, cem vezes
 Maior que o de Karnak que o Nilo banha.
 Sem destino meus passos dirigia,
 Quando ao pé d'um outeiro coroadado
 Em outro tempo de árvores soberbas
 D'ellas hoje privado a ferro e fogo,
 Vejo um pequeno grupo interessante
 Em reverente posição, os olhos
 Todos a um tempo para o ceo erguendo:
 Doce resignação, modesta calma
 Retratada observei d'uma senhora
 No rosto juvenil, que em grande parte
 Negro véo occultava. Tinha ao lado
 Um filho e uma filha ambos de luto;
 Estes dous innocentes com meiguice
 Contra o seio da mái se comprimião,
 E entre doces afagos terno beijo
 Sobre a pallida face vi qual davão,
 Chego-me respeitoso... Os desgraçados
 São de facil accesso. Brevemente
 Da afflicção que devora á pobre viuva,
 Me confia ella mesma a triste causa.

“Hoje, dia fatal! faz justo um anno
 Que n'este mesmo sitio e a estas horas,
 Quando os raios do sol obliquamente
 Muito perto do occaso nos ferião
 O meu joven esposo idolatrado
 A quem com puro amor recompensava
 Seu ardoroso amor, sereno, alegre
 Achou glorioso fim, no mesmo instante
 Em que ia pondo em fuga os inimigos
 Da nossa paz, da liberdade nossa.
 Poucos momentos antes, bem me lembra,
 Quando a tuba marcial guerra troando
 A's armas convocou, dando um abraço
 A sua triste esposa amedrentada,
 E outro abraço mais forte e prolongado
 A estes fructos de amor aqui presentes,
 Sahiu para o mortifero combate:
 Sahiu, mas não tornou... — A patria chora
 Tão prematura, desgraçada morte.
 E eu, infeliz de mim! abandonada
 A' desesperação me entregaria
 Se n'ella algum allivio achar podesse.
 Aqui, debaixo d'esta verde relva
 Descança o vosso pái, queridos filhos!..”

D'uma pobre mulher desamparada
 Que podeis esperar? . . . Mas Deos é justo
 E nunca aos innocentes desvalidos
 A protecção negou." — Disse, e ao ponto
 Para os filhos e ao ceo voltando os olhos
 Algumas poucas lagrimas ardentes
 Cahirão sobre a relva e a murcharão.
 Logo as sombras da noute fim puzerão
 A'quella scena funeral. —

Amigo

N'esta guerra cruel que a tua patria
 Vê prolongar-se com mortal quebranto
 Entre seus proprios filhos, d'estes casos
 E' prodigioso o numero; e ao passo
 Que em progressivo augmento os males crescem,
 Vão desaparecendo as almas nobres.
 Oh! se ao menos vivesse a tua Esposa!
 A sua fervorosa caridade,
 Qual balsamo efficaz que as chagas cura,
 Quanta pungente dôr acalmaria!
 Tanto infeliz como accorreu piedosa!
 Tanto orfão pobre e desvalido
 De quem foi tenra mãi no desamparo
 Sua funesta ausencia chorão hoje.
 Porem ella deixando-te em legado
 De todas as virtudes que a adornavão
 A principal que n'ella, qual brilhante
 De inestimavel prezo, reluzia,
 Foi receber o galardão eterno,
 Que o Deos que nos formou promette ao justo.
 Alli, no Empireo está em paz gozando
 Da presença d'um Deos omnipotente.
 De toda terreal paixão exempta
 Dos caros filhos que deixou no mundo
 E' Anjo tutelar; e se marcharem
 Com firme passo pelo trilho honroso
 Da rígida virtude, qual marchára
 Sua querida Mãi, já reservado
 Tem o assento immortal que lhes affiança
 Eterna paz e bemaventurança.

J. de U.

COSMETICOS.

A palavra, COSMETICOS applica-se ás preparações usadas quer para limpar e purificar a pelle, quer para dar-lhe uma côr ficticia. Faremos aqui uso d'este termo no sentido de meio artificial, complexo, costoso e inefficaz.

Os melhores cosmeticos não são mais que cosmimentos, massas, pomadas, &c. que não merecem os titulos pomposos com que a ignorancia e a charlataneria os publicão.

Meios Mechanicos.

Nos tempos antigos empregavão-se ás vezes meios mechanicos, como por exemplo, depois do banho, fazia-se uso da pedra pomes para suavizar a pelle,

ou para esfregar a cuticula grossa das plantas dos pés.

Ainda nos tempos modernos nos dizem que no Oriente não ha mulher camponesa que não tenha uma côr tão fresca como uma rosa, uma cutis tão branca, lisa e delicada que tocada parece veludo; e que isto se consegue fazendo uma especie de untura em todo o corpo, na cara e no cabello com terra de Chio, antes de entrar no banho.

Banhos de Leite.

Os banhos de leite erão entre os antigos muito estimados como cosmético. A celebre Poppea mulher de Nero, tinha quinhentas jumentas, cujo leite era reservado unicamente para o seu toucador.

O leite e a nata são sem duvida preferiveis a outras drogas; porem assim mesmo não contribuem para a limpeza; pegão-se á pelle, e á final a estragão. A natureza nunca pôde querer que a gente emplastasse seu alimento sobre a parte exterior do corpo.

Massas.

As damas Romanas no tempo do Imperio fazião muito uso das massas cosméticas. Compunhão-se estas de gomas, de certo barro e substancias que se pegavão tanto á pelle que não se podião tirar depois sem causar grande dôr. Porem o desejo que tinhão de melhorar sua côr, era tal que adoptavão qualquer cousa preparada, por injuriosa ou nojenta que fosse.

Juvenal, fallando da depravação das damas do seu tempo, diz, que quando ellas estavão sós em casa sem mais companhia que a do seu marido, a cara apresentava a apparencia mais desagradavel por estar toda ella emplastada com algum cosmético oleoso.

Poppea inventou um cosmético a que deu seu nome; era uma composição feita com farinha triga, mel e leite de jumenta, fervido tudo junto, e applicado á cara durante a noute. Pela manhã lavava-se a cara com agua tepida.

As massas que agora se nsão compoem-se de spermacete ou cera, que irritão a pelle, e ás vezes produzem gretas; ou de oxidos metallicos, que são substancias venenosas, e penetrando com a continuação pelos poros podem causar males de maior monta. Alem d'isso as applicações externas que ficão por algum tempo na cara, interrompem as funções naturaes da pelle ao começo, a irritão e a final debilitão.

Composições Unctuosas.

Quando pela applicação de preparativos irritantes a pelle chega a ter uma apparencia seca, os impostores que traficão n'estas drogas nos dizem que os cremes, pomadas, &c. composições unctuosas feitas de manteiga, gordura derretida, e tutano, poderão restabelecer a flexibilidade e braneura da pelle. Ainda mais, alguns d'elles recommendão que se usem ao mesmo tempo os emollientes e irritantes — oleos de noute, e espiritos pela manhã! Bem se vê quanto durará uma côr combatida por duas substancias contrarias.

Algumas pessoas recommendão as substancias oleosas sómente depois do banho, para suavizar a pelle, e evitar as rugas que se formão depois de estar muito tempo na agua. Não ha duvida que o uso de essencias aromaticas, depois do banho, dá á pelle mais flexibilidade, a resguarda do ar e pode ser util para quem anda ligeiramente vestido, porem toda substancia oleosa obstrue a transpiração e encarada por este lado deve ser prejudicial. Alem d'isso os corpos unctuosos estão sujeitos a adquirirem ranço, e n'esse caso segue-se uma irritação na pelle.

Composições Ácidas e Espirituosas.

Muitos dos pretendidos cosméticos vendidos em geral pelos perfumistas, e por um grande numero de pessoas ignorantes que se intitulão chimicos, compoem-se de ácidos e espiritos; e frequentemente são vinagre ou espirito de vinho aromatizado. Até a agua de Colonha, tão gabada e usada, não é senão espirito de vinho destillado com algumas hervas aromaticas; a agua da rainha de Hungria, e outras, fazem-se da mesma maneira.

O vinagre e os espiritos certamente limpão a pelle; porem esta seca-se e se enrugam com o uso frequente d'elles; porque o delicado tecido celular require a imperceptivel humidade unctuosas que a natureza exhala; e se se applicão ácidos e espiritos esta fica logo destruida. Os vinagres astringentes tão gabados levão uma certa quantidade de pedra-hume, a qual possui uma propriedade astringente e se ao principio dá certo brilho e bella apparencia á pelle, esta logo perde a sua elasticidade, e prematuras ou profundas rugas são o infallivel resultado do uso d'esta substancia salina.

Até o sabão deve usar-se moderadamente, e só n'aquelles casos em que a agua não tem bastante força para limpar a pelle.

Composições metallicas e venenosas.

E' um facto que as substancias mais deleterias entrão na composição de todos os *crèmes*, pós, massas, e essencias: o mercurio e o chumbo, dous venenos poderosos formão parte d'esses cosméticos, recommendados pelos charlatães para occultar as marcas das bexigas; e em alguns casos tambem contem sublimado corrosivo!

Felizmente nos nossos dias e no nosso paiz poucas são as pessoas que fazem uso habitualmente de semelhantes composições. Porem, é bom que essas mesmas saibão que estes pretendidos remedios para tirar as nodosas vermelhas da pelle, as borbulhas, ou a extrema pallidez, tem a final as mais perigosas consequencias, especialmente quando se empregão para certas affecções cutaneas que procedem d'um estado desordenado do systema, e que são, como se dissessemos, um esforço da natureza para restabelecer ou conservar a saude.

Uma vez introduzido o chumbo no systema animal, ainda que seja em pequena quantidade, nunca pode ser neutralizado pela arte, e nunca deixa de produzir os mais deploraveis effeitos. A paralisia, a contracção e convulsão dos membros, a perda das forças, e as colicas mais horribes, são seus effeitos ordinarios. D'ahi se pode inferir facilmente que a saude e a belleza são incompativeis com a existencia de semelhantes doencas.

Banhos demasiado frios ou quentes.

Tambem os banhos sendo demasiadamente frios ou quentes destroem a belleza, produzindo uma excessiva irritação da pelle.

Os banhos frios poucas vezes são convenientes para as senhoras delicadas; nem geralmente fallando, para as pessoas de vida sedentaria. Tambem não o são para as pessoas idosas, porque n'ellas a faculdade de produzir o calorico não é bastante activa para causar uma reacção energica. O poder da reacção existe na proporção da força do individuo.

Como cosmético, os banhos frios são uteis somente para as mulheres de temperamento sanguineo; e essas mesmas não devem empregar a agua n'uma temperatura inferior á do corpo, com tanto que não

estejão costumadas a isso desde a sua infancia; pois do contrario os banhos frios contraem a pelle, endurecem-a, e a fazem escamosa.

Os banhos ao ar livre, e o nadar são na medicina remedios efficazes para restabelecer em certos casos a saude; porem é preciso ter presente que fazem descorar a pelle.

Lavar a cara com agua fria, ou liquidos estimulantes, destroe a frescura da pelle e do rosto, em consequencia da reacção que excita.

Tambem não é bom estar ao pé do lume, immediatamente depois de ter lavado a cara com agua fria, porque pode produzir, especialmente nas sobrance-lhas uma irritação desagradavel.

As crianças padecem as vezes frieiras nas mãos, porque depois de as terem lavado em agua fria as vão aquecer ao lume.

Tanto os banhos frios como os demasiadamente quentes alterão sempre a côr, endurecem a pelle, e a fazem escamosa, effeitos que o sexo feminino deve evitar nas abluções locais da cara, mãos, pescoço, peito e pés.

Quem não estiver costumado a lavar os pés em agua fria não o deve fazer, porque se expõem a ver supprimidas as secreções naturaes.

Os banhos quentes relaxão as fibras, e poem a quem os toma em estado de apanhar facilmente constipações.

Todo banho quente debilita, porque o corpo perde muito. Os banhos quentes a uma temperatura de mais de 110 graus de Fahrenheit, tem produzido em alguns casos immediata loucura.

Pós para os Dentes.

Todas aquellas composições que limpão rapidamente os dentes, acabão sempre por destruir o seu esmalte, porque não pode resistir aos ácidos, á pedra-hume, ás azedas, ao tartaro, &c. que entrão nestas receitas.

Os ácidos em geral tornão os dentes brancos da mesma maneira, que a agua forte tira a côr ao mármore destruindo o seu pulimento e solidez. De todos os modos os ácidos prontamente corroem, queimão e tirão a côr aos dentes.

Entre os ácidos empregados no alimento, o vinagre não é o unico que ataca os dentes; todas as substancias ácidas produzem o mesmo effeito; e as das frutas ainda não maduras não são menos activos e fataes do que os outros.

Se as opiatas são compostas com algum dos pós destructivos acima mencionados, são perniciosas; se se compoem somente de mel e perfumes, são inuteis.

Pós e opiatas para os dentes, especialmente quando tem ácidos, tambem offendem aos labios.

Outros pós para os dentes compoem-se de coral pulverziado, de aljofar, de olhos de caranguejo, pedra-pomes, da espinha da siba, de casca d'ovo queimada, e até de porcelana pulverizada; estes pós costumão ser coloridos com uma pequena quantidade de lacca ou carmin. Porem fazem tanto damno aos dentes como os ácidos, porque usados constantemente não só destroem o esmalte, mas tambem debilitão as gengivas nas raizes dos dentes.

As damas Romanas costumavão mastigar almecega, uma especie de gomma odorifera, amarga, e extraida por incisão do lentisco. Este costume ainda prevalece no Oriente. As senhoras dos nossos paizes não são tão amigas de perfumes; e por tanto não é provavel que a mastigação de aromas chegue a generalizar-se. As damas do Perú usão muito de palitos de ratania, porque alem da sua virtude astringente

gente para dar mais firmeza ás gengivas, dá sempre uma linda côr aos labios. (*)

Oleos para os Cabellos.

Quando o cabello chega a cair, todas as drogas inventadas, como o oleo de Macassar, gordura de urso, &c. não são capazes de o fazer renascer, e os cabelleiros que sustentão o contrario são impostores.

O cabello não precisa d'oleos; a natureza lhe tem dado o que precisa. Como elle tem uma particular secreção, o uso de cabelleira, de cortar o cabello demaziadamente curto, ou de o deixar crescer em demasia, podem produzir notaveis efeitos na sua constituição. A applicação de qualquer substancia ao cabello, ou uma repentina transição de calor para o frio pode impedir a sua secreção.

D'aqui nasce que o frequente uso dos unguentos destroe o cabello, porque os seus poros ficão obstruidos: as dôres agudas de cabeça que sentem os que se persuadem da efficacia dos oleos para conservar o cabello, dizem quando é já tarde, o perigo que ha no seu uso.

Os licores espiritosos, como agua de colonia, ou da rainha de Hungria, &c. seccão o cabello, o corroem, e contribuem para que quebre facilmente, ou para que caia muito depressa.

Conclusão.

Do que temos dito resulta evidentemente, que o uso d'um grande número de pretendidos cosmeticos, em lugar de enfeitar, destroe o brilho natural da têt, e murcha a mais delicada pelle.

Os antigos não ignoravão a inefficacia d'estes cosmeticos. "A maior parte, diz Celso, dos mais celebres cosmeticos não passão d'uma ninharia ridicula, e pura charlataneria; em vão se deve esperar que tirem as sardas, e menos as rugas da cara; porem as mulheres são tão amigas de augmentar sua formosura, e de evitar a apparencia da velhice, que é impossivel destruír n'ellas este desejo, ou persuadilas da inutilidade de todos esses finos segredos, conhecidos com o nome de cosmeticos.,"

Isto faz ver a antiguidade de taes illusões. Porem este argumento é debil comparado com o que se deriva do damno positivo que causão os cosmeticos, e que a physiologia moderna e a chymica demonstrão da maneira mais convincente.

SURDO-MUDOS.

I.

Os amigos da humanidade deverião occupar-se de estes seres desgraçados mais do que realmente se occupão. Porque fatalidade no meio de tantos estabelecimentos publicos como se tem creado n'estes ultimos tempos, alguns d'elles de puro luxo, não havemos de ver na segunda cidade do reino uma casa destinada para ensinar a fallar, a ler, escrever, contar, &c. aos Surdos-Mudos? Assim por um abandono indisculpavel vemos muitos individuos, que privados na sua infancia do orgão do ouvido não poderão aprender a fallar porque não ouvião os sons que havião de articular para serem entendidos. Excluidos do gremio da sociedade passão uma vida cheia de privações: tudo quanto vem está mudo como elles, e só a força de gestos, e de mover os dedos chegão a poder communicar algumas das suas mais urgentes necessidades.

Este abandono cruel de que nos queixamos não é só dos tempos presentes, data de mais longe. Quem

(*) Em outro numero daremos receitas proprias para limpar os dentes, &c.

tiver lido as obras do illustrado monge espanhol FEYJOO, estará bem lembrado da noticia que elle dá do Padre Pedro Ponce da ordem de S. Bento; que foi o primeiro que pelos annos de 1570 a 78 já tinha ensinado alguns surdo-mudos a fallar, ler, escrever, contar, ajudar a Missa, a doutrina christã, e a saber-se *por boca* confessar, e a alguns surdo-mudos latim e a outros grego, e italiano, e um chegou a ser *ordenado*, e a ter officio e beneficio pela Igreja, &c. Um descubrimento d'esta natureza não devera ter perecido em Hespanha com o Padre Ponce; ao governo tocava ter cuidado d'isto, não deixando perder um thesouro de tanto valor.

Aconteceu com isto em Hespanha o mesmo que com o vapor. Blasco de Garay, official da marinha hespanhola ofereceu em 1543 ao imperador Carlos V uma maquina por meio da qual um barco era impellido sem o auxilio de velas, nem remos. O experimento foi feito em Barcelona: um navio mercante, que não tinha mais mecanismo visivel que uma immensa caldeira de agua a ferver, e uma complicada combinação de rodas por dentro, e pás giratorias por fora, viu-se mover em todas as direcções e com a mesma facilidade com que hoje se movem os barcos movidos por vapor. Garay foi recompensado pelo imperador, porem o seu grandioso descubrimento não teve outro resultado, e até a gloria da sua invenção se prodigalisa hoje aos Americanos Fitch e Fulton sem que os estrangeiros se dignem fazer menção de Blasco de Garay.

Da mesma maneira muitos estão persuadidos que o abba de L'EPEE foi o primeiro que teve a feliz lembrança de fazer fallar aos surdo-mudos. De todos os modos, se não foi o primeiro inventor, d'uma arte tão util, se não chegou a tirar dos seus discipulos tanto partido como o Padre PONCE, se ainda deixou muito que aperfeiçoar ao abba de SICARD, a humanidade não deve por isso deixar de tributar-lhe os mais justos agradecimentos em nome dos Surdo-Mudos. Reduzidos estes quazi a meros automatos quando passavão ás mãos d'aquelle sabio instructor transformavão-se em seres intelligentes; a esfera dos seus conhecimentos se extendia pelo immenso espaço das sciencias, um novo mundo se lhes apresentava; e a barreira que por tantos séculos separava o Surdo-Mudo do homem deixou d'existir: era o mármore de Pigmalion transformado em estatua e depois animado com o sopio da vida pela divindade.

Ao abba de L'EPEE succedeu o abba de SICARD. Quando Napoleão no ano de 1815 viado da ilha de Elba desembarcou em França e entrou em Paris, o abba de SICARD com alguns dos seus discipulos passou a Londres. Desejoso de mostrar aos habitantes d'aquella populosa metropoli as vantagens que se derivavão do ensino dos Surdo-Mudos apresentou ao publico os seus discipulos para que fossem examinados respondendo a todas as perguntas que se lhes fizessem. O povo inglez ficou verdadeiramente admirado dos seus adiantamentos; e tendo-se conservado memoria da maior parte das perguntas e respostas, nós passamos a apresentar algumas para que os nossos leitores possão ajuizar a que grau de perfeição tinhão chegado nos seus estudos dous dos seus discipulos chamados MASSIEU e CLERC. Porem antes de entrar em materia diremos aos nossos leitores que a instituição dos Surdo-Mudos em Paris tem por objecto não sómente pô-los em estado de communicar as suas idéas, de formar sua razão, e desenvolver sua intelligencia, mas tambem o assegurar a sorte de aquelles que estão na indigencia. Todos elles aprendem uma arte, ou um officio, ou a maneira de desempenhar um emprego que lhes assegure a subsistencia.

SOM E RUÍDO.

Pergunta. Que differença julgaes que ha entre o Som e o Ruído ?

Resposta de MASSIEU.

Eu penso que entre o ruído e o som ha esta differença : o ruído é o effeito produzido por muitos objectos que se encontrão , que ferem o ar que os rodea , e causão uma sensação desagradavel para aquelles que ouvem e fallão.

O som pelo contrario é o effeito do ar posto em movimento por um ou mais corpos sonoros , e que vai ferir o ouvido sem violencia nem confusão.

Por isso se diz o ruído d'uma porta , o ruído de uma carruagem , o ruído d'uma peça d'artilheria , &c. o som d'uma rebeca , d'uma guitarra ou flauta , o som dos sinos , o som das trombetas , o som da voz , &c.

Resposta de CLERC.

Nenhuma idéa exacta tenho de quanto tem relação com o sentido do ouvido ; porem se eu posso julgar do que se me tem dito , ou do que tenho lido , direi que o ruído é um montão de sons confusos e violentos que , offendendo o ouvido , não deixa distinguir nada.

O som é o sentimento do órgão do ouvido ferido e movido pela agitação dos corpos sonoros , porem sem violencia , nem confusão.

O ruído procede dos corpos feridos uns contra outros , de ares oppostos , de golpes dados com força e violencia : por isso se diz : o ruído d'uma arma de fogo , o ruído do trovão , o ruído do vento , o ruído d'uma carruagem , o ruído d'um tambor , o ruído d'um martello , &c.

O som é o que sae da boca quando se falla , d'um instrumento ou sino quando se tocão , d'uma moeda de prata quando se quer examinar se é falsa ou verdadeira.

SURDOS-MUDOS.

Pergunta. Por ventura se persuadem os Surdos-Mudos que são desgraçados ?

Tal foi a pergunta que fez um dia uma joven Marquezia ao abba de SICARD , não se atrevendo a dirigi-la directamente aos discipulos receiosa de que se affligissem ou de que se julgassem humilhados ; porem o veneravel instructor que sabia perfeitamente o que elles pensavão sobre este particular não hesitou em lhes apresentar a pergunta : eis aqui a sua resposta.

MASSIEU. Não : porque raras vezes sentimos a falta do que nunca temos possuido , ou que sabemos nunca poderemos possuir : porem se os surdo-mudos chegassem a perder a vista julgar-se-hião bem infelizes , porque a vista é o mais bello , util e agradável dos sentidos. D'outro lado nós estamos bem indemnizados da nossa desgraça com o favor insigne de poder expressar por meio de gestos e por escrito as nossas idéas , pensamentos e sentimentos , e poder ler o que está impresso ou escrito.

CLERC. Quem nunca possuiu , nada perdeu , e quem nada perdeu nada tem que lamentar : os surdos-mudos nunca ouvirão nem fallarão , logo não tem perdido o ouvido nem a palavra , e por conseguinte não podem ter pena de nenhuma das duas cousas. Além d'isso não deixa de ser uma grande consolação o poder reparar a falta do ouvido com a escrita , e a palavra com os gestos.

AMBIÇÃO.

Definição de MASSIEU.

A ambição é o desejo immoderado de dominar , de enriquecer-se ou de possuir alguma cousa que não temos. A ambição é tambem um ardor excessivo em adquirir honras , gloria , lugares distinctos e elevados , &c. E' o movimento da alma que anda em redor d'um objecto que deseja ou procura ardentemente.

Definição de CLERC.

E' o desejo immoderado de ter ainda mais depois de ter já muito ; o ardor desordenado de elevar-se acima dos outros , ou de ser superior a elles em honras , gloria , distincções , dignidades , e talentos.

VIRTUDE.

Definição de MASSIEU.

A virtude é a disposição habitual da alma para fazer tudo o que é approvado pelas leis divinas e humanas ; e para evitar tudo o que é contrario a ellas.

A virtude é o fundamento da felicidade particular e social : só a virtude é que nos pode fazer felizes.

Ha muitas especies de virtude.

A caridade , que nos dicta que façamos aos outros o que nos quizeramos que nos fizessem a nós mesmos.

A força , que nos faz soportar com resignação os revezes , a dôr , as injurias , &c.

A prudencia , que é a Minerva da alma , e que governa as nossas palavras e acções.

A justiça , que nos move a dar a cada um aquillo que lhe pertence.

A temperança , que modera as nossas paixões e desejos.

Definição de CLERC.

A virtude no seu sentido proprio é a efficacia , a força , o vigor , a faculdade , o poder de obrar que existe em todos os corpos naturaes segundo as suas qualidades ou propriedades.

No sentido figurado , a virtude é a rectidão , a probidade , a disposição ou o habito da alma de fazer o bem , e de seguir o que ordenão as leis divinas e humanas , e o que dicta a razão.

A ESPERANÇA.

Definição de MASSIEU.

A esperança é a flor da felicidade.

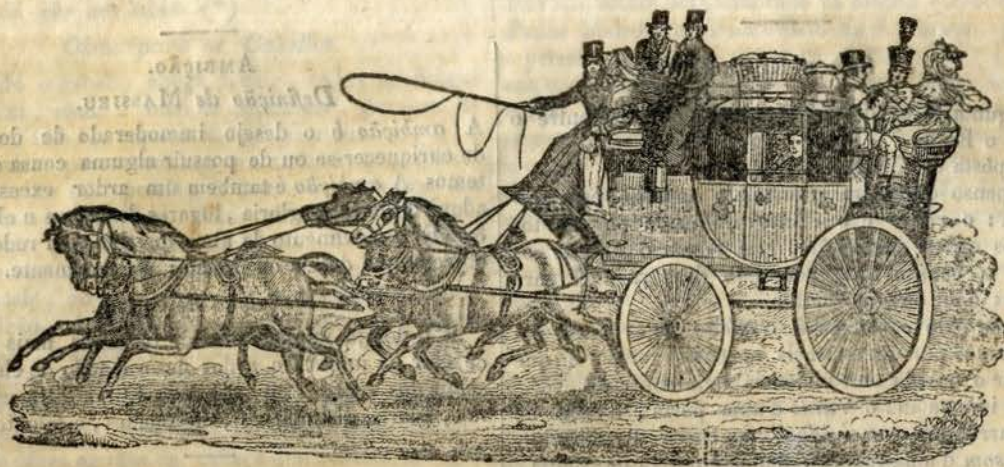
Definição de CLERC.

A esperança é a expectação d'um bem que se julga deve chegar.

IDEA ARABE.

Um Amante feliz attribue , na seguinte allegoria , a sua amiga e ao amor que a ella professa , todas as boas qualidades admiradas n'elle.

Estando eu um dia no banho , passou das mãos d'uma que eu amava ás minhas proprias um torrão odorifero. — “ Es tu , perguntei a elle , almíscar — és tu ambar ? — ” Certamente que não , respondeu elle , sou um pouco de terra commum ; porem tenho estado em contacto com a roza , e a sua fragancia me penetrou ; sem ella eu não seria mais que um pobre terrão ?



DILIGENCIA (*) INGLEZA.

SOBRE Omnibus.

Ao tempo que na cidade do Porto se realisa uma associação para a introdução de melhorados transportes, e que esta acaba de estabelecer uma carreira de carruagens OMNIBUS (**) para S. João da Fóz, julgamos que não serão inoportunas a nossos leitores algumas reminiscencias, sobre a invenção e vulgarização das carruagens publicas modernas.

O uso de vehiculos de transporte na forma de carros mais ou menos aperfeiçoados, mais ou menos elegantes, remonta á mais alta antiguidade. Os historiadores mais antigos — os livros sagrados — Homero — fazem menção do uso de carros para a condução dos reis e dos heróes — para as contendas de velocidade nos jogos publicos — para a guerra. Monumentos antigos nos tem conservado as fórmulas d'alguns destes carros — e em alguns autores achamos outros descriptos. Os Brittones, no tempo de Julio Cesar seu invasor, usavão na guerra d'uns carros mui notaveis, por quanto ás estremidades dos seus eixos erão fixos longos e largos instrumentos de corte, que em seu movimento por entre as fileiras Romanas, semeirão ao começo a confusão e morte.

Porem todos estes carros, por elegantes que fossem suas fórmulas, (e que ellas o erão testificão monumentos Gregos e Romanos,) erão mui incommodos. Descobertos e fixos aos eixos, nem offerecião resguardo á intemperie das estações, nem davão grato andar a quem conduzião, pois que por falta da suspensão de suas caixas de sobre os eixos, communicava o carro todo o movimento que a desigualdade do caminho offerecesse.

Não foi senão nos começos do seculo XV que se inventarão carruagens cujos assentos fossem suspensos dos eixos por corréas — modificação esta que, no decurso dos tempos, foi substituida pela introdução de molas fortes de ferro, que mais effectivamente destroem os choques resultantes dos accidentes da estrada. Isabel, mulher de Carlos VI rei de França, diz-se que fóra a primeira pessoa que, em 1405, fizera uso d'uma carruagem suspensa. Desta data em diante se fóron propagando pela Euro-

pa — mas tão lentamente que até ao meado do seculo XVI erão privativas das Cazas Reaes, nas quaes com tudo não erão abundantes, pois achamos que Henrique IV de França tinha sómente uma.

Assim se fóron vulgarizando as carruagens, até que nos começos do seculo XVII principiãrão os alquiladores a aluga-los, e a instituir depositos onde a toda a hora do dia se encontrassem. Paris deu o exemplo que Londres não tardou a seguir. Na 1.ª citada capital havia já, em 1658, 520 *fiacres*, que assim se denominãrão em Francez; na segunda, em 1770 chegavão os *hackney-coaches*, como os Inglezes lhes chamão, a 1000, e hoje são de 3000, que se achão distribuidos por toda a extensão de Londres, e se encontrão estacionados nos centros das ruas mais frequentadas, (como ja se encontrão em Lisboa,) segundo as determinações das autoridades locais. Todas estas seges d'aluguel são registadas e obrigadas a trazerem seu *Numero* patente, tanto dentro da carruagem como fóra; os preços que se podem exigir do viandante achão-se determinados por Lei, segundo uma tabella que cada booleiro é obrigado a ter; e finalmente os regulamentos da policia não sómente abrangem estas determinações legais, mas tambem punem qualquer contravenção das leis do decoro e civilidade, commettida pelos referidos creados. Estas seges varião em forma, desde a traquitana de 4 rodas e accomodação para 4 pessoas, até ao cabriolé de 2 rodas que não accomoda senão a uma pessoa.

As seges d'aluguel, em França e Inglaterra, se seguirão as carruagens de posta para a condução das malas contendo as cartas dos correios. Estas se generalisarão muito em Inglaterra depois de 1784, (quando um Palmer offereceu ao governo formar uma empresa para a condução geral das malas do reino, e hoje contão se mais de 150, que atravessão o paiz em todas as direcções. Andão na razão de 3 leguas Portuguezas por hora, e conduzem alem das malas 4 passageiros dentro e 2 a 3 fóra. As epochas de suas partidas e chegadas são invariaveis; e não esperão um minuto pelo quer que seja.

Pelos mesmos tempos se vulgarisarão as diligencias para a condução de passageiros e encomendas. São estas carruagens analogas ás precedentes e sómente differem dellas em suas dimensões e destinos. As Inglezas são mais ligeiras que as Francêzas — e estas ultimas mais fortes, e menos sujeitas a voltarem-se do que as primeiras: uma e outra nação attende ás necessidades e possibilidades de suas estradas. A estampa que precede este artigo representa uma dos milhares destas carruagens,

(*) A palavra *diligencia* é Franceza, e serve para designar as carruagens a que os Inglezes chamão *stage-coaches*, e a que nós chamaríamos *carruagens de posta publicas*. A necessidade d'uma palavra que por si indique estas carruagens deve induzir a adoptar a palavra *diligencia*, deduzida da velocidade com que elles caminão.

(**) Sobre a etymologia d'*Omnibus* veja-se mais adiante.

que sulcão a Inglaterra em todos os sentidos, e quasi se obstroem em sua immensa e condensada capital. A elegancia de suas fórmas — o commodo, velocidade, e regularidade do seu andamento, — crêmos que precisão de serem presenciados para serem avaliados. Costumão levar 4 pessoas dentro e 8 a 10 fora — alem das encomendas. São também registadas e numeradas, e sujeitas a uma rigorosa inspecção — que comtudo não se percebe senão no caso de contravenção de seus regulamentos — feição saliente de toda a policia Inglêza. Sua velocidade usual é de 2 leguas a 2 e meia Portuguezas, por hora. As mudas fazem-se com summa regularidade e prontidão.

Tentou-se já introduzir entre nós o uso destas diligencias. Houve uma que corria entre Lisboa e Coimbra, e cujo serviço, ouvimos dizer, era assaz regular. Mas teve de lutar contra a hostilidade dos alquiladores e arrieiros, e contra a frouxidão com que, desde ha muito, nossas leis (ou antes seus executores) protegem a inviolabilidade da propriedade. As cavalharices pertencentes á empresa em Coimbra forão incendiadas, e ardêrão até aos alicerses, consumindo-se nas chammas consideravel numero de cavallos; e com esta catastrophe pôz ponto a empresa.

Tivemos outra que corria entre Lisboa e as Caldas da Rainha. A empresa teve de acabar, jul-

gamos, por falta de concorrência de passageiros. Tal foi a violencia do odio da alquilaria contra este estabelecimento que logo que cessou a inspecção da estrada, que a empresa consideravelmente melhorou, tratáráo de a arruinar, inhabilitando-a para servir a outra semelhante tentativa. Hoje em dia apenas temos noticia d'uma carruagem publica que communica entre Lisboa e Cintra.

Mas voltêmos a nosso assumpto. O serviço dos contornos de Londres era, até ha pouco, feito por carruagens da ultima citada especie que levavão 4 pessoas dentro e 12 a 16 fóra, erão puxadas a 2 cavallos, e tinhão um preço fixo para toda e qualquer distancia, parte de sua carreira usual, (que não passava de legua e meia a 2 leguas,) em que o viajante se quizesse dellas aproveitar. Estas carruagens erão incommodas, e principalmente para senhoras e invalidos, pela grande altura a que era preciso trepar para alcançar os assentos externos.

Pelo anno de 1828 houve em Paris quem inventasse as carruagens, denominadas *Omnibus*, (d'uma palavra Latina que significa *para todos*, appellido de certo mui appropriado, tanto se olharmos ao preço como á commodidade,) e estas fizerão inteiramente pôr de parte as que acabamos de mencionar. Offerecemos a representação d'uma destas carruagens *Omnibus*, que supprirá mais circunstanciada descripção.



OMNIBUS.

Jamais houve innovação que mais avidamente fosse aceita pelo publico. Há pouco mais de 9 annos que apparecêrão pela primeira vèz em Londres, e já hoje passão de 600 o numero daquelles que contornão Londres e o atravessão por suas principaes avenidas. Em Paris são também muitos e correm todo seu interior. Admittem geralmente 14 a 15 pessoas. Construidos com segurança e elegancia, forrados com asseio em seu interior, puxados por excellentes cavallos, e dirigidos por boleeiros e moços asseados e civis em suas maneiras, offerecem estes vehiculos um mui commodo, decente, e regular meio de transporte.

Todas estas vantagens são conhecidas em Lisboa desde 1835. Do centro da cidade divergem para Bellem, Bemfica, Campo-Grande &c.; e o estado da Companhia que os possui indica quão frequentados e quão uteis tem sido os *Omnibus* na Capital. Fazemos votos pelo feliz successo da Empresa no Porto; e esperamos que o exemplo das classes intelligentes e civilisadas dissipe o prejuizo com que o vulgo e as pessoas de acanhado pensar

encarão toda e qualquer innovação. E se houver alguém que receie que deste modo se privem algumas classes de seus accostumados modos de subsistencia, refiri-lo-hemos ao que no nosso n.º 3 e pag. 36, dissemos das VANTAGENS DO EMPREGO DAS MACHINAS; lembrando mais que a facilidade de transporte sempre augmenta a concorrência de passageiros; e é esta uma circumstancia que nestas innovações remove o mal que por outra parte poderia recear-se.

Na nossa figura vê-se o Conductor, encarregado da fiscalisação e policia do *Omnibus*, assentado pela parte de fóra da porta d'entrada, com um braço levantado para indicar aos peões que na carruagem ha lugar vago. Esta circumstancia é indicada, nos *Omnibus* de Paris e Lisboa, por uma bandeiróla de folha de flandes pintada das côres nacionaes. Alguns tem um orgão de 3 ou 4 tubos collocado debaixo dos pés do boleeiro d'almofada, que com elle dá sinal de sua chegada aos varios pontos de confluencia de ruas em que costumão concorrer passageiros.

LIVROS PARA OS CEGOS.

ESTE titulo surprehenderá alguns dos nossos leitores, e não será estranho que aquelles que não estão familiarizados com os recursos de que é capaz o engenho humano, julguem que tratamos de nos rir á custa dos que são demasiadamente credulos. Longe de nós similhante idéa indigna dos que se dedicam á nobre tarefa a que nos dedicamos. O titulo d'este artigo é verdadeiro em toda a força do seu termo. A differença está em que nós lêmos com os olhos, e os cegos lêem com os dedos.

No anno de 1834 imprimiu-se e publicou-se em Philadelphia, nos Estados Unidos de America, o Evangelho de S. Marcos, em quarto, impresso em relevo para o uso dos cegos, arranjado por M. Snider. Este livro verdadeiramente digno da attenção dos curiosos é uma bella illustração, se não for o cumprimento da prophécia que diz: "Que os cegos hão de ver."

INSCRIPÇÃO SEPULCRAL.

A seguinte inscripção, achada n'uma igreja de Alemanha, deu muito em que pensar aos sabios e aos ignorantes.

O	quid	tua	te
be	bis	bia	abit
ra	ra	ra	ra
	es		
et		in	
ram	ram	ram	ram
	i	i	
Mox	eris	quod	ego nunc

Por acaso descobriu-se o sentido; e a solução é igualmente notavel pelo seu engenho como pela moral que inculca.

"O superbe, quid superbis? tua superbia te superabit. Terra es, et in terram ibis. Mox eris quod ego nunc." Traducção.

O' homem orgulhoso! Porque te ensobreces? Teu orgulho será a tua ruina. Pó és, e em pó te has de converter. Em breve hás de ser o que eu sou agora.

O ARABE E O CAVALLO.

UMA caravana de Damasco fôra atacada no deserto por um Arabe e sua tribu. Tinha a victoria sido completa; e estavam já os Arabes carregando seus riquissimos despojos, quando os cavalleiros do Pachá d'Acre que vinhão ao encontro da caravana, cahirão imprevisamente sobre os Arabes, matarão grande numero; aprisionarão o resto e atand-os com cordas, os conduzirão a Acre para com elles presentearém o Pachá.

Foi Aban-el-Marsch, chefe dos Arabes, ferido com uma bala em um braço durante o combate; como porem não fosse a ferida mortal, os Turcos o atarão sobre um camello, e tomando-lhe conta do cavallo o levarão e ao cavalleiro. Na tarde do dia anterior áquelle em que devião entrar em Acre, acamparão nas montanhas de Japhad. Perto da tenda em que estavam os Turcos, jazia o Arabe deitado, e com as pernas ligadas com uma correa. Despertado pelas dores das feridas, ouviu elle riunchar o seu cavallo no meio dos outros que estavam peados em roda das tendas, segundo o uso oriental. Reconheceu sua voz e não pôde resistir ao

desejo de fallar ainda uma vez ao companheiro de sua vida. Arrastou-se como pôde, e com o socorro das mãos e dos joelhos, conseguiu approximar-se do seu corseel. "Meu pobre amigo, lhe disse, que farás tu entre os Turcos? Serás prezo debaixo das abobadas d'um kan (1) com os cavallos d'algun (2) Agá ou Pachá; as mulheres e os meninos te não levarão mais leite de camello, nem doura (3) no concavo de suas mãos; não tornarás tu a correr livre no deserto como o vento do Egypto; teu peito não volverá a cortar as aguas do Jordão que refrescavão teu pello tão branco como tua espuma. Já que sou escravo, se tu ao menos livre. Toma, vai, volta á tenda que bem conheces, e dize á minha mulher que Abou-el-Marsch não voltará mais; depois introduz a cabeça pelas cortinas e lambe as mãos de meus filhinhos."

Fallando assim, roera Abou-el-Marsch a correa que peava o cavallo, e o animal ficou livre; mas vendo o amo ferido e prezo a seus pés, ensinou-lhe o instincto o que nenhuma lingua podia explicar-lhe. O fiel e intelligente corseel abaixa a cabeça, fareja o amo e agarrando-o com os dentes pelo cinto de couro, parte a galope e leva-o á sua tenda. Comtudo, apenas o largou aos pés de sua mulher cahiu morto de fadiga. Toda a Tribu o chorou; poetas o cantarão, e seu nome ainda hoje existe na boca dos Arabes de Jericho.

Receita para o caso de engolir uma vespa.

Aconteceu em Inglaterra a morte d'uma pessoa em consequencia de ter engolido uma vespa. Com este motivo, pouco tempo depois publicou-se alli a seguinte receita para prevenir para o futuro igual desgraça.

Immediatamente depois de engolir a vespa deve-se dissolver sal commum na boca, e engolir a saliva, repetindo a mesma operação em quanto houver tendencia a inflamação ou inchação.

Para a picadura d'uma Vespa ou Abelha. — Esfregue-se immediatamente a parte picada com sal humedecido n'uma pouca de agua.

Aviso.

Ao nosso correspondente F. C. que se queixa de que a receita dada no nosso N.º 1 para fazer *pallitos de accender por fricção*, não teve o resultado que elle desejava nos diversos experimentos que fez, cumpre-nos responder, que a dita receita nos foi communicada por pessoa entendida na materia, a quem demos parte das difficuldades que se apresentarão ao nosso correspondente, e esperamos em nosso futuro Numero elucidar o Snr. F. C. cabalmente sobre a materia, e indicar em que poderá consistir o equivoco no processo.

ERRATA ESSENCIAL.

Em alguns exemplares deste nosso 4.º Numero achão-se os erros typographicos seguintes: —
Pag. 51, lin. 44, por Rs. 20\$000, leia-se Rs. 220\$000
linha 51, por $v \frac{1}{2}$ por cento, leia-se $3 \frac{1}{2}$ por cento.

- (1) Kan é uma especie de caravançará, ou edificio publico, destinado a alojar as caravanas.
- (2) Agá, official de janizaros, commandante Turco.
- (3) Doura, milho mudo da India; que tambem se dá nos campos regados pelo Nilo.

PORTO: — TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE
LARGO DE S. JOÃO NOVO N.º 12. 1838.